

Um estudo sobre as cores e sua aplicabilidade em ambientes de creches infantis

Elizamar Zang*
Lidiane Camiloti**

Resumo

O presente artigo objetiva realizar um levantamento bibliográfico sobre as cores identificando sua influência psicológica no comportamento das crianças. O estudo dividiu-se em três etapas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e de campo. Em um primeiro momento, procurou-se realizar uma investigação teórica do assunto enfatizando autores que refletem sobre o papel das cores no comportamento humano, bem como a sua relação com a área de Design. As informações obtidas por meio desta investigação serviram de suporte para a pesquisa de campo, desenvolvida na Creche Cantinho Feliz de Mondaí, SC. Por meio deste trabalho, pode-se constatar uma série de fatores relacionados à subárea de Design de Interiores, dados estes que serão abordados no decorrer deste artigo científico.

Palavras-chave: Cores. Desenvolvimento infantil. Design de Interiores.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo um estudo sobre as cores, identificando a influência destas no fator psicológico e comportamental das crianças, com o intuito de realizar um levantamento bibliográfico sobre as cores, identificando sua influência psicológica no comportamento das crianças. Nesse procedimento, procurou-se investigar a interferência das cores em crianças com aproximadamente dois anos e que frequentam a Creche Cantinho Feliz do município de Mondaí, SC. Entre os aspectos analisados, estão o comportamento e reação delas diante da sistemática apresentada. Em relação ao delineamento da pesquisa, procedeu-se de maneira exploratória. O teórico Gil (2002, p. 41) explica: “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”

O presente estudo desenvolveu-se sob três suportes fundamentais: pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Quanto à tríade mencionada, Gil (2002, p. 44) afirma: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” A pesquisa documental procede de forma semelhante à pesquisa bibliográfica, mas a diferença, segundo Gil (2002), é a utilização de materiais que ainda não receberam tratamento analítico. Logo, a pesquisa de

* Ministra o componente curricular Design e Sustentabilidade no Curso de Desig da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Designer; Especialista em Design de Interiores: Novas Tendências pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; graduada em Design de Produto Universidade Oeste de Santa Catarina. Rua Hubert Weiss n. 170, Bairro Floresta, 89893-000, Mondaí, SC; elizamarzang@yahoo.com.br

** Mestre pela Escola de Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Coordenadora do Curso de Design da Universidade do Oeste de Santa Catarina, *Campus* de São Miguel do Oeste; Rua Oiapoc, n. 510, Bairro Agostini; lcamiloti@gmail.com

campo, segundo o teórico, tende a utilizar demasiadas técnicas de observação. A abordagem desenca-
deou-se sob análise qualitativa, sendo priorizada apenas a descrição dos fatos constatados.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A RELAÇÃO DAS CORES COM O DESIGN DE INTERIORES

Conforme Farina (2006), as cores influenciam a vida das pessoas tanto no caráter fisiológico quanto psicológico. Proporcionam alegria, tristeza, exaltação ou depressão, calor-frio, equilíbrio-desequilíbrio, ordem-desordem. Se as cores são “positivas” e combinadas, a reação também será positiva. Um desses fatos pode ser comprovado, segundo Guimarães (2004, p. 1), com uma experiência ocorrida em um hospital de São Paulo:

Um dos pacientes teria solicitado desesperadamente uma de suas camisas, a de cor amarela, enquanto a roupeira, ao contrário, insistia em lhe oferecer outra, de cor branca; uma psiquiatra, que observara a cena, posteriormente questionou o motivo para o paciente não poder escolher a cor da camisa, e a roupeira respondeu que ele se tornava violento quando vestia a camisa amarela. A psiquiatra perguntou por que então fora oferecida a camisa branca e não a vermelha, que estava também limpa e pronta para o uso, e a roupeira, conhecedora dos detalhes do dia-a-dia do paciente, afirmou que a vermelha só era solicitada pelo paciente quando ele desejava pedir perdão, logo após ter usado a camisa amarela e destruído tudo a sua volta. [...]

Na área do Design, as cores também apresentam saliência. Para Farina (2006, p. 127): “A cor é a alma do design e está particularmente arraigada nas emoções humanas.” Segundo, ainda Farina (2006, p. 3): “A tendência dos mais sensíveis arquitetos e decoradores da atualidade é colorir um pouco mais o mundo para quebrar os frios e deprimentes espaços cinzentos das grandes cidades.”

Contemporaneamente, pode-se verificar nas residências e outros locais, que os ambientes são constituídos por cores distintas, evidenciando-se o fato de que cada espaço de uma casa repercute em atividades diferentes. Porém, como já abordado, as cores devem agregar-se de harmonia, porque de nada adianta cada espaço conter tonalidades distintas se não forem aplicadas com sabedoria, logo, um ambiente que serviria, por exemplo, para descansar, não acabará proporcionando essa função. Farina (2006, p. 18) acrescenta que “[...] as cores amarela e café devem ser evitadas no interior de um avião, porque produzem enjôo; uma sala de jantar pintada com cores alegres estimula o apetite; e um dormitório em tons suaves se torna mais repousante e confortável.”

É de cunho explicar ainda a monotonia – cansaço do branco em um ambiente hospitalar. Entretanto, Farina (2006) ressalta que se deve evitar pintar o teto de branco nos quartos de hospitais, porque o doente na maioria das vezes é obrigado a repousar de costas e isso ocasiona uma sensação de cansaço e de peso mental, pelo fato de o branco refletir intensamente a luz, podendo ocorrer, dessa forma, o fenômeno de ofuscamento. Com isso, é indicado que o indivíduo preencha os forros dos quartos hospitalares da cor azul, proporcionando ao paciente tranquilidade e bem-estar.

As cores contemplam uma força poderosa, agindo como uma espécie de lei; a massa de um objeto pode aparentar maior peso ou leveza conforme a cor utilizada. Para Farina (2006), uma superfície branca

também propõe a impressão que é maior, quando comparada a uma de tonalidade escura. As cores quentes carecem de um espaço menor, pois expandem-se, causando, assim, a impressão do ambiente ampliado.

Nesse contexto, Farina (2006, p. 124) designa as cores quentes e frias: “As cores sugerem diversas temperaturas, o vermelho sugere ser mais quente que o azul e o verde, por exemplo. O percentual de branco em uma cor determinará sua temperatura relativa ou sugerida: claro = quente, escuro = frio.” Salienta, ainda, que “[...] outra questão importante e que diz respeito ao aspecto, é que as cores escuras são preferidas no inverno e as cores claras no verão.”

Em geral, torna-se essencial retomar que as cores são fenomenais e determinam díspares sensações em cada ambiente. Embora imprescindíveis, necessitam de informação na aplicação, gerando resultados positivos nas pessoas.

2.2 A INTERFERÊNCIA DAS CORES NO COMPORTAMENTO INFANTIL

Guimarães (2004) aborda que quando uma composição cromática está em equilíbrio, apresenta dinamismo. As cores manifestam também características de peso, movimento, distância, provocando, dessa maneira, emoções diversas no observador. Para se adquirir uma composição cromática agradável, necessita-se de harmonia e equilíbrio. Estudos realizados comprovam que são diversos os elementos que interferem na escolha e preferência de uma cor, entre estes destacam-se lembranças do passado, costumes sociais, culturas, idade, entre outros. Com base no quesito idade, o psicólogo Bamz (1980) determina o fato de as pessoas de maior idade demonstrarem preferência pelas cores escuras, como o azul e verde, enquanto a cor vermelha remete lembranças da infância. Conforme a análise do renomado psicólogo, Farina (2006) evidencia que o cristalino do olho humano se torna amarelado com o passar dos anos. Enquanto uma criança absorve 10% da luz azul, a pessoa idosa concentra aproximadamente 57%. Contudo, Farina (2006) finaliza conceituando as cores conforme seus respectivos significados:

- a) Azul: transmite harmonia, simpatia, confiança, amizade, tranquilidade, paz. É a cor do infinito, do céu, do entorno. Possui ondas curtas, é vista como a cor de preferência por aproximadamente metade da população mundial;
- b) Amarelo: remete alegria, espontaneidade, ação, poder, impulsividade, dinamismo. Porém, pode comunicar potencialização, covardia, estimulação e irritação;
- c) Vermelho: é a primeira cor, proporciona energia, força, sensualidade, consumismo, revolução; interfere no sistema nervoso simpático sendo responsável pelos estados de alerta, aumentando a tensão muscular, pressão sanguínea, violência e discórdia;
- d) Verde: mistura do amarelo e azul – “[...] sugere umidade, calma, frescor, esperança, amizade e equilíbrio. Além de todas as conexões com a ecologia e a natureza.” (FARINA, 2006, p. 101).

Na área infantil, Farina (2006) aponta que são realizadas demasiadas atividades com as crianças relacionadas ao universo das cores, sendo uma determinada como ludoterapia – terapia por

meio de brinquedos e jogos obtendo a cor papel predominante por cooperar positivamente no crescimento harmônico e equilibrado. O autor aborda, ainda, nessa linha de pensamento que:

A ludoterapia consiste no uso especialmente do brinquedo colorido, dentro de um equilíbrio exato, cuja manipulação irá influir, benéficamente, no sistema nervoso da criança, proporcionando-lhe uma liberdade interior que, mais tarde, no decorrer da vida, vai capacitá-la em suas próprias escolhas e opções (FARINA, 2006, p. 93).

No entanto, reconhece-se por meio das pesquisas, que as cores são de suma relevância para o ser humano adulto e infantil – visto que, contribuem em diversos fatores, agindo positivamente, quando combinadas harmonicamente no desenvolvimento infantil.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA CRECHE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Estudar e conhecer o início da vida humana, ou seja, o desenvolvimento de uma criança é algo indispensável, porque é uma trajetória que a humanidade carece percorrer para o crescimento físico e mental (PIAGET, INHELDER, 1993)¹.

Conforme diversos estudiosos, como Piaget (1993), Vigotski (1998)² e Barbosa (2006)³ na infância, as pessoas aprendem fatos os quais levarão para a vida, por meio da formação do caráter, da convivência, do aprendizado, da união, comunicação, dinamismo, entre outros aspectos que desenvolvem o ser humano.

O bebê-criança, passa, segundo psicólogos, por constantes etapas no desenvolvimento infantil. Piaget e Inhelder (1993) estruturam e exemplificam as fases do nível sensório-motor, composto pelos primeiros estágios:

- a) Estágio I: desenvolvimento de reflexos, atividades espontâneas e totais do organismo;
- b) Estágio II: primeiros hábitos dependem de uma atividade do sujeito;
- c) Estágio III: desenvolve-se no período aproximado dos quatro meses e meio de vida. Costumam agarrar e manipular todos os objetos próximos;
- d) Estágio IV: desenvolvem melhor a inteligência, buscando objetos embaixo do travesseiro ou coberta, por exemplo;
- e) Estágio V: inicia por volta dos 11 ou 12 meses; quando um objeto é sobreposto sobre um tapete, logo puxando-o, o bebê consegue pegar o objeto;
- f) Estágio VI: finaliza o período sensório-motor e transição para o período seguinte.

Em cada nível mencionado, as crianças desenvolvem-se apresentando avanços progressivos, interessantes em nível de relato e conhecimento:

- a) Percepção: Vigotski (2003) aborda que, para alguns psicólogos, a percepção é interpretada como o conjunto associativo de sensações, surgindo como um processo integral. Para Piaget e Inherder (1993, p. 35), as atividades perceptivas desenvolvem-se naturalmente com a idade, em número e qualidade;

- b) Linguagem: Vigotski (2003) descreve que, primeiramente, a criança inicia a linguagem com palavras isoladas e posteriormente será capaz de formar frases simples, seguidas de frases compostas e orações;
- c) Memória: Piaget e Inhelder (1993) salienta que existem dois tipos de memória: a de reconhecimento e de evocação. Vigotski (2003, p. 44) complementa: “Nos primeiros anos de vida, a memória é uma das funções centrais, em torno da qual se organizam todas as outras funções”;
- d) Pensamento: “[...] pensamento é uma forma primária de atividade, assim como a sensação.” (VIGOTSKI, 2003, p. 56). O desenvolvimento do pensamento torna-se essencial para que, assim, outros fatores psicológicos possam se desenvolver;
- e) Imaginação: conforme Vigotski (2003), a imaginação é uma fantasia que interliga o ato de pensar e imaginar;
- f) Imitação: Piaget e Inhelder (1993, p. 49) aborda que: “A imitação, em primeiro lugar, é uma prefiguração da representação, constituindo no decurso do período sensório-motor, uma espécie de representação em atos materiais e ainda não em pensamento.”

Conforme as abordagens dos teóricos quanto ao desenvolvimento infantil, diversas instituições contribuem na integração do bebê na sociedade: creche e, posteriormente, a pré-escola. Segundo Barbosa (2006): Creche é a instituição que acolhe às crianças de zero a três anos, logo, a pré-escola, atende as crianças de quatro a seis anos.

As primeiras creches, segundo Barbosa (2006), surgiram na França em meados do século XIX, tendo repercussão por vários países ocidentais. No Brasil, desenvolveram-se com o propósito de atenuar a mortalidade infantil, atendendo a famílias e promovendo campanhas de amamentação.

Para Barbosa (2006), mesmo as creches não estando acopladas diretamente às escolas, reproduziram variadas estratégias de funcionamento servindo para que posteriormente a população entendesse e percebesse a real função desses estabelecimentos, por reforçarem o direito da criança em participar, de espaços educacionais desde cedo, refletindo na organização e autonomia por meio das rotinas.⁴

Em suma, percebeu-se que as creches possuem papel fundamental no desenvolvimento infantil, sanando as necessidades das populações infantil e adulta, proporcionando à criança espaços e prazeres de convivência fora do âmbito familiar.

2.3.1 A Creche Cantinho Feliz de Mondai, SC

A Creche do município de Mondai, Cantinho Feliz, iniciou suas atividades em 14 de setembro de 2009. Implantada pelo município, surgiu com o objetivo inicial de zelar as crianças enquanto os pais trabalham.

Conta com 64 crianças, o qual predomina o gênero masculino. Elas iniciam as atividades com seis meses, e, aos três anos, são transferidas para uma pré-escola. Ao todo, a Instituição possui sete turmas, iniciando suas rotinas às sete horas da manhã, finalizando às 18 horas. O local conta ainda com sete profissionais formados em Pedagogia, os quais são os professores responsáveis pelas turmas e sete monitores.

2.4 RESULTADO DO ESTUDO SOBRE CORES REALIZADO NA CRECHE CANTINHO FELIZ DE MONDÁI, SC

Nos dias 15, 16, 17 e 18 do mês de novembro de 2010, realizou-se uma pesquisa de campo sobre cores na Creche do município, aplicada na turma do berçário V, responsável por sete alunos, cujas idades variam de dois anos e meio até três anos, contribuindo para registrar as reações das crianças quanto às cores. Optou-se por realizar o estudo nestas crianças, pois segundo as Pedagogas da Entidade, as crianças já possuíam um desenvolvimento físico e psicológico maior, facilitando na comunicação e interpretação dos dados no que se refere às emoções expressadas quanto às cores.

Em análise às constatações, durante o estudo de campo, na segunda-feira, após procederem algumas rotinas, a professora encaminhou as crianças para a sala. Quando entraram no ambiente, a primeira cor estava exposta na parede, em forma de painel. O painel estava exposto em um canto, sob um espelho – sugerido pela Pedagoga, para que os “pequenos” percebessem facilmente. Quando entraram, depararam-se com a cor azul na parede. As crianças tocaram no painel, acariciando e até abraçando-o, ratificando tranquilidade e alegria.

Na terça-feira, aplicou-se sobre o mesmo canto a cor amarela. Quando as crianças entraram no ambiente, uma exibiu insatisfação, alegando de imediato, não ter gostado da cor. As demais crianças apresentaram afinidade, transparecendo espontaneidade e felicidade – lembrando e comentando que, no dia anterior, o azul estava exposto.

Na quarta-feira, a cor vermelha preencheu o canto da parede. Nesse dia a cor vermelha, também não agradou uma criança, resultando em agressividade em outras. A Pedagoga evidenciou que estavam algum tempo sem efetuar nenhuma atividade, resultando em comportamentos negativos. Vale ressaltar que, com as outras cores, as crianças não fizeram qualquer atividade, mas, em compensação, não manifestaram agressividade.

A quinta-feira iniciou com a aplicação do verde. Como nos outros dias, as crianças entraram na sala deparando-se com a cor e gostaram. Novamente, mostraram interesse, alegria e dinamismo.

Com isso, sugeriu-se para a nova unidade de creche do município de Mondáí que abrangesse uma gama de cores, ou seja; todos os ambientes poderiam conter cores distintas, refletindo positivamente na vida e convívio educacional das crianças.

Em decorrência ao estudo, recomendou-se o azul e verde claro com tonalidade azulada como cores adequadas e agradáveis para uma parte do ambiente que corresponde ao descanso. Seria interessante, também, que este ambiente fosse individual e possuísse maior organização, visto que tal cenário influencia na tranquilidade das crianças. O branco também deve e pode ser evitado no forro deste ambiente e substituído por uma tonalidade clara de azul, promovendo uma sensação de bem-estar na criança. As outras áreas podem possuir tonalidades quentes como: amarelo, pêssego ou laranja. Um leve tom de verde mais amarelado também poderia compor a sala de brinquedos. Os ambientes podem conter detalhes como adesivos e/ou papéis de parede ilustrados com animais, contos infantis, numerais, formas geométricas, letras, entre outros, sanando as características negativas encontradas.

3 CONCLUSÃO

Atualmente, percebe-se, conforme apresentado no decorrer do trabalho, que as pesquisas em torno das cores e sua interferência no comportamento humano, embora tenham surgido há diversos anos, ainda se desencadeiam nos dias atuais.

As cores fazem parte da vida da humanidade, transmitindo alegria, satisfação, conforto, harmonia, tranquilidade, consumo. No entanto, quando utilizadas de maneira exagerada ou em locais inadequados, conduzem a uma sensação de melancolia, ira, loucura, entre outros sentimentos.

Para tanto, por estarem presentes em tudo, as cores necessitam ser estudadas e interpretadas de maneira satisfatória. Nesse caso, é o Designer que, derivadas vezes, projeta elementos que estão ao redor, utilizando-se das cores como um componente indispensável no desenvolvimento de serviços-produtos.

Concluiu-se, portanto, que este trabalho supriu as expectativas iniciais, principalmente quanto aos objetivos propostos, métodos, entre outros. Referente ao método pode-se complementar e interpretar que os quatro dias do mês de novembro de 2010 destinados à pesquisa na Creche Cantinho Feliz trouxeram resultados interessantes e satisfatórios. Conforme visualizações realizadas e informações fornecidas pelos Pedagogos da entidade, constataram-se inúmeras modificações e adaptações já executadas naquele estabelecimento, mas que ainda necessitam modificações, as quais poderão ser incrementadas na nova unidade de creche, considerando o estudo realizado.

Abstract

This article aims to do a survey on the colors identifying its psychological influence on children's behavior. The study was divided into three phases: bibliography search, documentary search and fieldwork. At first, was effected a theoretical investigation of the subject emphasizing authors who reflect about the function of the colors on human behavior and its relationship with the area of Design. The informations obtained through this research were a support to the field research, this work developed in the nursery School Cantinho Feliz of Mondai, SC. Through this work, we could observe a series of factors connected to the sub area of Interior Design, these informations will be discussed in this scientific article.

Keywords: Colors. Child development. Interior Design.

Notas explicativas

¹Jean Piaget: Especialista do desenvolvimento cognitivo da criança (1986-1980), considerado por unanimidade o maior psicólogo do século XX.

²Lev Semenovitch Vigotski: Pensador importante em sua área, foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em razão das interações sociais e condições de vida. Veio a ser descoberto pelos meios acadêmicos ocidentais muitos anos após a sua morte, que ocorreu em 1934, por tuberculose, aos 37 anos.

³Maria Carmen Silveira Barbosa: Doutora em Educação, possuindo Mestrado em Educação. Apresenta especialização em Alfabetização em classes populares e em Problemas no Desenvolvimento Infantil. É graduada em Pedagogia. Atualmente é professora associada e atua no Programa de Pós-graduação. Foi coordenadora do GT07 – Educação de crianças de 0 a 6 anos da Anped e atualmente participa do comitê Científico da mesma entidade. Tem experiência na área de Educação Básica, com ênfase em Educação Infantil, tem publicado livros, artigos e capítulos de livros bem como orientado teses e dissertações nos seguintes temas: educação, educação infantil, infância, formação de educadores.

⁴Rotinas: é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolverem o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil.

REFERÊNCIAS

BAMZ, J. **Arte y ciência Del color**. Barcelona: Ediciones de Arte, 1980.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

BÜRDEK, Bernhard E. **História, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

DESIGN, HISTÓRIA, TEORIA E PRÁTICA DO DESIGN DE PRODUTO. Word Power Books. Disponível em: <<http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgar Blucher, 2006.

FREITAS, Ana Karina Miranda de. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. ISCA Faculdades, 2007. Disponível em: <<http://www.google.com.br/#hl=pt-BR&biw>>. Acesso em: 6 jan. de 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Submarino**. Disponível em: <<http://www.submarino.com.br/portal>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1990.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

PIAGET, Jean; TRYPHON, Anastasia. **Sobre a pedagogia**: textos ineditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

VIGOTSKY, L. S. et al. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTSKI, L. S. Wikipédia: A enciclopédia livre. 2010. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em: 6 de jan. 2011.